

O SILÊNCIO DO INOCENTE: A MARCA NO CORPO VIOLENTADO E A VIDA PARADA NO TEMPO

Liliane Viana da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: pedrasdegelo@hotmail.com

Resumo

Sob uma perspectiva de estudo e mediante a uma literatura contemporânea que apresenta uma linguagem entrelaçada aos romances da memória, Maria Thereza Leite vai tecendo e reconstruindo em seus contos os acontecimentos vividos em um presente e passado cheios de expectativas mediante a um mar de lembranças confeccionadas no interior de si. O presente artigo tem como objetivo analisar o conto “A Mala”, da escritora cearense Maria Thereza Leite, a partir de um acontecimento de infância com a personagem Rosália e suas devidas consequências. Situado no livro de contos *Passagem Secreta para a Rua* (2007), a narrativa retrata a história de uma menina que foi violentada sexualmente e que a partir desse ato sofrido adquiriu uma loucura mansa para se auto proteger do convívio social. Em primeiro momento discutiremos sobre as imagens criadas do corpo e da loucura da mulher associadas à dominação e à opressão sobre a mulher; no segundo momento partiremos para a análise do conto escolhido abordando a violência sexual sofrida pela protagonista, além da loucura adquirida pela mesma.

Palavras-chave: Literatura, corpo feminino, violência, loucura, Rosália.

Introdução

Imagens femininas: descritas ou representadas? Fontes, teorias, pesquisas nos mostram que se as mulheres, por longo tempo, não eram donas do seu próprio corpo, muito menos livres para descreverem sua própria imagem de mulher, elas só poderiam ser representadas, e pelo olhar masculino. Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (1929), já instrua reflexão ao escrever que como a mulher poderia falar de si mesma se ela nem mesmo possuía um espaço e um tempo que pudesse dizer que era só seu? A imagem da mulher como foi propagada significa um espaço de submissão e inferioridade e seu corpo um objeto de especulações e mudanças.

De acordo com Perrot (2012, p.76), “o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”. Se falarmos da violência exercida sobre as mulheres e as consequências que tal ato pode causar a esse corpo, nos faz descobrirmos o quanto a sexualidade feminina era vista como inferior em relação a sexualidade masculina. Carregando em seu corpo de mulher as marcas dessa inferioridade, Simone de Beauvoir (1970, p.13) afirma que “A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico e não um momento da história humana”; enfim, o destino da mulher já vinha sendo construído e “engessado” com a autoafirmação do pensamento masculino. E ainda complementa:

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava e ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (...) São eles [homens] que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas (BEAUVOIR, 1970, p.97).

Trancafiada as tarefas domésticas e secundárias e com a “vocação natural” de ser mãe, a imagem da mulher é comparada tanto a Eva, tentadora e pecadora, como a Maria, ingênua, pura e santa. Toda uma questão mística é discutida, as ações femininas são atribuídas à dissociação dessas duas figuras: o bem e o mal. À mulher não caberia o prazer carnal, ela é tida como um ser assexuado, associado somente a função de procriação, enquanto que ao homem o prazer da carne era liberado. “Filhas de Maria, elas são sujeitas à pureza. O pudor é seu ornamento (...) Elas devem se proteger da sedução e do estupro, que, no entanto, é praticado por bandos de jovens em busca de iniciação (...) O corpo da mulher está em perigo (PERROT, 2012, p.64-65).

Desde muito tempo, uma outra questão que veio junto as representações do corpo feminino são os males físicos e psicológicos que assolam o corpo da mulher. Todavia, iremos nos aprofundar em um desses males que veio (ou ainda vem?) acometido à mulher sendo tratado e propagado como algo natural do seu sistema biológico e, principalmente, de sua sexualidade: a loucura feminina.

A loucura, assim como o universo feminino, foram (e ainda são) questões envolvidas de mistérios. A mulher, até perto do século XX, não possuía um espaço que pudesse dizer que era só seu, muito menos sua própria liberdade. Passada das mãos do pai para as mãos do marido, ela se viu “enclausurada” dentro do meio doméstico sujeita as opiniões masculinas. Se o pai ou marido diziam que a mulher estava louca, o médico, também homem, reafirmava a sentença de loucura. Diagnosticada como sensível, afetiva e emotiva demais o corpo da mulher, junto ao seu órgão feminino, era visto como uma enfermidade natural. Sua genitália irradiava o que eles acreditavam que a alma feminina possuía: ser um ser inferior; “O critério do útero regulador da saúde mental da mulher irradiava-se em toda a Europa moderna - e portanto, na metrópole lusa - difundindo uma mentalidade na qual a mulher era física e mentalmente inferior ao homem e escrava de sua fisiologia” (DEL PRIORE, 1999, s/p).

Uma das causas que elevou a loucura feminina foi o aparecimento da histeria. Chamada de doença nervosa, ela é tratada pelos pesquisadores como uma doença natural do gênero feminino. Foucault, em *A história da loucura* (2013), elenca algumas falas de pesquisadores sobre a histeria e a hipocondria, sendo aquela mostrada com exemplos de mulheres: “Esta doença, na qual as

mulheres inventam, exageram e repetem todos os diferentes absurdos de que é capaz uma imaginação desregrada, por vezes tornou-se epidêmica e contagiosa” (RAULIN apud FOUCAULT, 2013, p.310). Perrot também remonta tal ideia quando diz que “A histérica é a mulher doente de seu sexo, sujeita a furores uterinos que a tornam quase louca, objeto de clínica dos psiquiatras (...) A histeria abre caminho para as ‘doenças das mulheres’ e para a psiquiatrização e psicanálise dessas doenças” (PERROT, 2012, p.66). Ou seja, durante muito tempo histeria e loucura foram diagnosticadas como natural do feminino, a mulher carregava consigo a imagem de malignidade por possuir um útero e o fluxo menstrual como elementos que causariam as patologias em relação ao cérebro, ditas como nervosa e com alucinações.

Com todas essas crenças em relação a sua fisiologia, a mulher passou de a “Grande-Mãe” e “Mãe-Deusa”, quando plantava e cuidava dos alimentos na Natureza e sua maternidade era sagrada, de feiticeira, como mágica, a uma mulher histérica, nervosa, furiosa, incapaz de se controlar e de se livrar do mal da loucura que assola seu universo feminino.

Falar do corpo feminino é encontrar diversidades e divergências de opiniões, no entanto, o que procuramos propor neste artigo é a representação de um corpo violentado e as consequências que tal ato pode acarretar a uma mente que ainda está em desenvolvimento, como de uma criança. Após as iniciais discussões levantamos algumas questões que nortearão nosso trabalho: que tipos de marcas um corpo violentado pode carregar? Um trauma de infância poderia acarretar uma possível loucura? O silêncio imposto pelo trauma pode levar a pessoa a criar um mundo sem imperfeições? São indagações que propomos trabalhar dentro de nossa análise no conto “Mala”, da escritora cearense Maria Thereza Leite.

Corpo inocente X Infância interrompida

O livro *Passagem Secreta para a Rua* (2007) nos apresenta uma divisão de três partes: Da magia, do encontro e do desencantamento; Das impossibilidades, do aprisionamento e da fuga; Das perdas, da estranheza e do espanto. O conto escolhido para estudo está situado dentro da segunda parte do livro que trata de enredos que nos aprisionam e nos envolvem em histórias do fora e do dentro, interior e exterior de si.

Narrado em terceira pessoa, o conto “A Mala” nos apresenta, em forma de pinceladas informações, situações vividas para um propósito final; é como se um segredo tivesse que ser desvendado a partir da leitura e interpretação do leitor. Inicialmente, deparamo-nos com uma menina ainda na flor da idade que vivia solta no capinzal, de repente essa menina, agora jovem, se encontra reclusa em um quarto que somente pela janela, única e pequena janela, tem acesso ao

mundo exterior, emoldurado por grades divididas em pequenos quadros. Constantemente, é somente por essa janela, e por algumas outras pelas quais passaram por sua vida, que lhe é percebida a mudança de estações e de cores na natureza, ou seja, essa jovem, de nome Rosália, encontrava-se presa.

Com o auxílio da memória nos são apresentados flashes da infância de Rosália, tempo em que era livre e corria pelos campos envolvida pela natureza; porém sua infância fora interrompida por um possível estupro:

A carreira desembalada deixara um estreito rastro no matagal, aberto pela pisada. De repente, desatenta, num instante nunca compreendido, sentira uma só puxada, de uma mãozada só – que lhe arrebanhara os fios da cabeleira presos, com força – e num grosseiro solavanco, a derrubara no chão (LEITE, 2007, p.66).

Após ter sido violentada sexualmente não soubera dizer a quanto tempo ficara ali naquele estado, “O tempo da tortura contava-se por outros relógios” (LEITE, 2007, p.66); ou seja, seu psicológico foi afetado e sua honra arrancada de si, assim como sua infância. Sem que ninguém percebesse o acontecido, Rosália volta para casa e seu choro é embalado pelo choro incessante do recém-nascido na casa, a justificativa da menina por ter saído apressadamente entre o matagal; fora buscar auxílio para mãe que acabava de entrar em estado de parto. Soubera que a partir daquele dia não choraria jamais.

A lembrança do tempo em que era inocente a maltratava querendo voltar, “mas Rosália a rejeitava com todas as suas forças. Frágeis forças” (LEITE, 2007, p.66). Dentro de um quarto fechado por um longo tempo, presa em seu próprio mundo, um dia a jovem fora libertada. Um novo quarto aparecera e tal não representava uma mudança de ares, ou de vida, até por que ela parara no tempo, o tempo de infância. As janelas sempre foram sua visão para o exterior: “A janela do cômodo parecia com todas as janelas que povoaram sua estreita vida [...] fizeram-se as únicas aberturas permitidas para ver o mundo” (LEITE, 2007, p.66); enfim, Rosália estivera emoldurada por longos anos como as grandes das janelas que passaram por sua triste vida.

Um aspecto que chama a atenção é o conto ser intitulado “A Mala”. O objeto mala ganha destaque e presença na narrativa quando Rosália é libertada daquele espaço fechado de uma possível prisão. Dentro da mala continha apenas duas mudas de roupa “Não carecia de mais. Nem domingo saía! Para que esse luxo? [...] era só ela e a mala! A mala e ela” (LEITE, 2007, p.67). Ao ser questionada do porquê da mala e que deveria se desfazer do objeto em si, Rosália só emitia um grunhido como forma de comunicação:

Desaprendera, no desterro de si mesma, como se comunicar com os outros. Escolhera um grunhido para cada resposta: inventassem o que quisessem, para entende-la. Precisava de um profundo silêncio na alma e de palavras esquecidas, para poder caminhar o resto da vida – toda uma vida! – que lhe sobrara (LEITE, 2007, p.67).

O que os outros podiam ver como uma possível loucura, para Rosália representava proteção contra aqueles que não queria se comunicar. Evitava contato com os demais do ambiente, mantendo-se no seu mundo interior, seu mundo enclausurado, em seu silêncio. O silêncio está constantemente interiorizado tanto dentro da sociedade como em seu corpo de mulher.

Michelle Perrot em seu artigo “Os silêncios do corpo da mulher”, aborda os vários silêncios impulsionados à mulher desde a sua criação. Uma das formas de silêncio que a pesquisadora destaca e que muito se encaixa com a personagem Rosália é o silêncio do corpo violentado, ou seja, da violência sexual sofrida pela mulher. Segundo Perrot, essas violências, de uso privado, são cometidas por pessoas de dentro da família, mostrando que

O abuso sexual, o incesto, do qual, muito mais do que os meninos, são as meninas as vítimas dos pais ou dos irmãos, enterram-se na obscuridade dos lares. É necessária muita coragem, por parte dos interessados e mesmo da mãe, para ousar falar. Acima de tudo, porque é difícil provar que houve estupro. De acordo com a lei, um homem sozinho não consegue vencer a resistência de uma mulher. Isso significa que a estupro é necessariamente conivente e, portanto, não se trata de um estupro. Só se reconhece o estupro quando cometido por vários homens, em grupo (PERROT, 2003, p.18-19).

Rosália havia sido violentada sexualmente por um homem, causando, assim, sua perda da infância e sua ingenuidade. Tais perdas a fizeram “parar no tempo”, abalando seu psicológico e muito mais, suas memórias; essas que, de vez em quando, surgiam sem avisar causando-lhe mais dor. Uma dor que em primeiro momento foi corporal, mas depois se instalou em seu interior como ferida aberta.

Dessa violência sexual abordada por Perrot surge uma outra forma de silêncio que é vista como a “última zona de silêncio: as doenças das mulheres, as do corpo e as do espírito” (PERROT, 2003, p.19). As doenças do espírito são aquelas em que há muito tempo foram propagadas como “naturais” à mulher como histérica, nervosa e até louca. Após passar por tal trauma, Rosália desenvolveu um silenciamento e afastamento em relação as pessoas próxima à ela.

Pesquisadores do “Grupo Violência e Gênero nas Práticas de Saúde”, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, realizaram um estudo que mostra que a violência sofrida por mulheres caracteriza-se de natureza doméstica e/ou sexual. A primeira, de ordem privada, abarca abusos e maus tratos contra mulheres, crianças e idosos praticados pelos próprios familiares,

sendo esta a mais conhecida pela questão social. Já a segunda, de ordem externa, se refere as mulheres que sofrem abusos sexuais por pessoas que não são seus familiares e nem próximas a elas. Segundo a pesquisa, as dimensões física, sexual e psicológica estão interligadas dentro da esfera de violência de ordem doméstica, causando-lhe uma possível doença mental:

No campo específico da Saúde Mental, muitos adoecimentos são antes sofrimentos que patologias delimitadas na nosografia médica. Neste sentido, a noção de “sofrimento” poderia aproximar-se um pouco mais do vivido pelas mulheres em situação de violência (SCHRAIBER et al, 2003, p.45).

A pesquisa ainda ressalta que se os casos de violência sexual contra mulheres forem executados por pessoas íntimas e conhecidos, chega a ser uma situação bem próxima daquelas das crianças e dos idosos na esfera doméstica, levando, assim, a questões de gênero e de desigualdades sociais.

É o ressalta Liane Schneider em seu artigo “A representação do feminino como política de resistência”, quando relata que tratar da violência contra mulheres em representações literárias acarreta também falar do sistema de gênero embrenhado na sociedade em geral. A autora trabalha como as mulheres tentam “fugir” de um sistema patriarcal destinado a elas a partir de suas doenças mentais caracterizadas como loucura: “um comportamento ‘desequilibrado’ por parte da mulher pode indicar sua revolta ou resistência em relação às forças de poder derivadas de um sistema de gênero que a oprime” (SCHNEIDER, 2000, p.123).

Assim como Connie, uma das personagens femininas apresentada por Schneider em seu artigo, Rosália também sofre um processo de fragmentação, ou seja, ela vive entre dois mundos: o real (exclui-se do contato das pessoas – a infância perdida) e o imaginário (o interior da mala - a infância mantida). Mas ao contrário de Connie que por vezes acredita está louca, Rosália é vista assim pelas pessoas por causa de seus gestos grosseiros, seus grunhidos e sua mentalidade parada no tempo.

Nesse momento da narrativa percebemos que Rosália guarda um segredo que não quer que as demais pessoas saibam. É como se ao revela-lo às pessoas sua vida fosse mais uma vez violentada, assim como seu corpo na infância. Os diversos grunhidos como forma de comunicação, ou melhor, como escolha de afastamento foi uma consequência do tempo em que passou trancafiada na cela de uma prisão levando consigo o ato sofrido, este que manchou seu corpo de menina e se instalou em seu psicológico.

Segundo alguns estudos sobre a loucura feminina o psicológico inalterado da mulher sempre foi relacionado ao seu próprio corpo. Por tempos acreditava-se que só bastava ser mulher para ser

diagnosticada com pré-disposição à loucura. Os grunhidos de Rosália como forma de afastamento poderiam ser vistos por alguns como uma forma de histeria nervosa; todavia não é bem assim. Rosália até poderia ser diagnosticada como louca, porém suas ações representavam uma fuga da realidade que ela não queria relembrar. Tais grunhidos foi uma escolha da própria menina para amenizar relacionamentos e perguntas que, conseqüentemente, surgiriam sobre sua vida manchada.

Enquanto passa por etapas de seu aprisionamento tanto corporal como psicológico, sua única companheira continua sendo a mala. A jovem-menina deixara de início a sua mala reclusa em um canto no seu novo cômodo, esperando o tempo certo para introduzir em seu interior. Os papéis que recortava, de inúmeras cores, assim como capas de revistas, calendários e anúncios eram introduzidos no interior da mala como peças de um quebra-cabeça que estava próximo para ser invadido, ou melhor, desvendado. Tudo aquilo era sua memória guardada.

Enquanto seu mundo estava intacto, ela o defendia dos demais:

Então, grunhia, se alguém tentava mexer nas coisas dela. Os trejeitos mal humorados, com gestos bruscos, pretendiam apenas impor distância. Era sua arma de defesa, para sobreviver naquela cidadela murada, que lhe havia sido legada, sem pontes sobre o fosso (LEITE, 2007, p.68).

Ou seja, Rosália estava presa naquela lembrança de violência, onde muros foram levantados e ela se via enclausurada, sem saída. Chegara à nova casa sem nenhum contato, com exceção de uma menina de nome Araceli, de olhos grandes e procuradores, atrás de algo a ser desvendado, algo que, para Rosália, só podia ser com ela.

A aproximação e o envolvimento de Araceli no seu espaço lhe causava perturbação, mas sentia que aquela menina tinha algo de diferente das outras pessoas “A menina parecia um cão de guarda, com grandes olhos de amêndoas, esperando a migalha” (LEITE, 2007, p.68). Acostumara-se aos poucos com a presença de Araceli, mas sempre com um pressentimento que o seu “mundo” estava próximo de ser violado.

Mas que mundo era esse? O interior da mala representava o mundo que, um dia, foi arrancado de si, um mundo infantil, inocente e cheio de sonhos; “ela e a mala -, na mais perfeita simbiose” (LEITE, 2007, p.71), ou seja, elas eram únicas e as duas representavam uma, em “uma perfeita história de silêncio” (LEITE, 2007, p.71).

Sob os olhos curiosos de Araceli as coisas de dentro da mala iam tomando forma e sentido. Uma boneca, oferecido à menina, foi em princípio a justificativa ideal para os demais objetos ficarem guardados; a boneca que ela mesma, Rosália, fizera para passar o tempo. Todavia, a boneca

representava mais que um simples brinquedo, ela era um desejo de infância guardado no fundo de uma mala:

[...] Pois, para ela, soubera criar um pequeno e rico mundo. Aquele mundo que sonhara dar à pequena que nascera naquela noite, aos gritos, cumprindo por ela um ritual que, muda, não conseguia fazer. Estava reservado a ela cuidar da pequena – o que não fora possível, ante o seu trágico destino – e agora supria de alguma forma a missão que lhe fora cortada (LEITE, 2007, p.70).

A pequena mencionada era a irmã que nasceu no dia em que fora violentada e que por causa do seu silêncio a impediu de ajudar à mãe em seus cuidados. Como forma de suprir tal ausência na vida da irmã e transferindo seu amor maternal a uma boneca, abalando-se psicologicamente, Rosália quis criar uma boneca imaculada, reservando a esta um canto do interior da mala: “aconchegada num canto só da mala, como fora a própria vida dela” (LEITE, 2007, p.69). Ou seja, sua vida tivera somente momentos direcionados a cantos: o canto da cela, da mala, do quarto e o canto da vida.

Afastada das pessoas foi levada algumas vezes a praticar tarefas para melhorar seu vínculo social: “Foram várias idas. Tentaram música, pintura, jogos, cantigas. Em vão. Rosália queria viver no seu mundo, à parte” (LEITE, 2007, p.71). Foucault, em livro já citado, mostra que em determinado momento da história, como também em algumas casas de reclusão, manicômios e prisões, essas práticas eram designadas àqueles que, visivelmente, estavam fora da sua razão. Foucault ainda alerta que a loucura era vista como atitudes inaceitáveis perante a sociedade; qualquer um podia ser considerado louco a partir de suas ações e pensamentos.

A loucura é apontada como aquela que rompe a ordem social (moral), essa que em uma sociedade pode ser representada pela fala desconexa de um indivíduo. A fala de um louco é ambígua/contraditória e é capaz também de denunciar algo, falar verdades, essas que não são totalmente aceitas pelo meio social, mas que na pintura, precisamente no quadro de Bosch¹, a loucura é representada como a verdade do mundo em sua perda de valores.

Loucura e razão sempre andaram juntas, porém em concepções distintas durante o caminhar do tempo: “a loucura não está ligada ao mundo e as suas formas subterrâneas, mas sim ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões” (FOUCAULT, 2013, p.29). Com Rosália a sua loucura mansa deve-se a perda dos sonhos de infância, esses que foram interrompidos, levando-a a ter comportamentos e pensamentos ainda de quando criança; e que, mal comparado, leva a ter

¹ Referência ao quadro “Nau dos Loucos” (entre 1495 e 1500), de Hieronymus Bosch, pintor holandês.

coincidências com a loucura mansa de Dom Quixote, de Cervantes, no seu delírio de ilusões em busca de suas aventuras.

As pessoas não entendiam o porquê do afastamento e grunhidos de Rosália. A mente permanecia parada, mas o corpo reagia com o tempo: “O tempo lhe botara corpo, ondeara os seus cabelos em pequenas voltas, abriera grandes olhos cor de mel, e o busto se empinara com altivez [...] ela trazia uma cor de milho dourado. Apenas os dentes permaneciam guardados na boca trancada” (LEITE, 2007, p.70). Com o tempo sua guarda foi baixando na presença de Araceli, e bem sabia que em algum momento seu mundo seria totalmente violado pela menina.

Um aspecto que deve ser comentado é a simbologia dos nomes das duas personagens femininas. Rosália significa “Dia das Rosas”, nome de uma festa antiga que no Brasil equivale ao dia de finados, aquele em que é depositado rosas nos túmulos de familiares e entes queridos. Já Araceli possui a significação de “Altar Celestial”, aquela que vem para salvar e/ou ajudar uma alma necessitada na Terra.

A partir dessas significações podemos constatar o porquê de Rosália possuir um comportamento diferenciado com Araceli. Essa menina de olhar especial, causa em Rosália uma abertura que as demais pessoas não tinham. A presença de Araceli era sempre percebida e passou a ser aceita por suas tentativas de aproximação “E ela [Rosália], que tivera seu silêncio respeitado, antes, via-se então sem recursos para vedar essa invasão” (LEITE, 2007, p.73). Até que um dia seu mundo foi totalmente violado e seu segredo exposto:

Araceli foi levantando o canto com cuidado, e, de dentro da figura quase se deslocando, foram saindo tiras de jornal dobradas em sanfona. Letras pretas e graúdas falavam de tantas coisas mal compreendidas pela menina, que ela logo deixou tudo de lado, para observar Rosália, que, em sua desistência, encolhia-se sentada na cama, abatida, encurvando-se mais e mais, como tantas vezes ficara no seu catre, lá na Casa. (LEITE, 2007, p.74).

Nesse momento Araceli se arrependeu da invasão que fizera na vida de Rosália, e no chão ficaram expostas as manchetes de jornais, onde em uma delas continha um título: “CONDENADA JOVEM ACUSADA DE MATAR PADRASTO” (LEITE, 2007, p.74). Aqui fica explicado toda narrativa: quem violentou Rosália, sua possível prisão, o seu afastamento do convívio social e a sua loucura mansa.

Liane Schneider explica bem esse comportamento de opressor e oprimido dentro das concepções patriarcais da sociedade ocidental:

Se um indivíduo que goza de poder dentro da sociedade violar ou oprimir ostensivamente alguém marginalizado ou menos ‘poderoso’, tal ato é frequentemente aceito com certa naturalidade pelo grupo social [...] No entanto, quando a situação é inversa, ou seja, quando o marginalizado ou oprimido agride seu opressor, seu ato é considerado um escândalo, acabando o agressor na prisão ou no sanatório (SCHNEIDER, 2000, p. 125).

Ou seja, a ação violenta do padrasto acarreta a uma desigualdade distribuição de poder entre o feminino e o masculino, sendo este dotado de extremo poder, enquanto aquele é visto como subordinado e sexo frágil. Agora quando o menor, nesse caso o oprimido, se revolta contra seu opressor é visto como quebra de padrões, sendo o oprimido sujeito a pagar por suas ações. Rosália representa bem esse oprimido que se lançou contra seu opressor, o padrasto. Pagando por suas atitudes ela se ver enclausurada dentro em um local fechado como em seus pensamentos; criando para si um mundo intocável e fora da realidade.

A junção loucura e mulher tem sido historicamente propagada como algo da natureza feminina, um fator “natural”, um vínculo quase inquebrável. Portanto, a loucura estaria mais para a mulher do que para o homem. Magali Engel em seu artigo “Psiquiatria e feminilidade” aborda tal conceito propagado pela sociedade ocidental, mostrando que a condição da mulher diante da loucura

concentram-se na esfera da sua natureza e, sobretudo, da sua sexualidade [...] O temperamento nervoso, intimamente relacionado à predisposição às nevroses e nevalgias, era frequentemente considerado como típico das mulheres [...] Assim, no organismo da mulher, na sua fisiologia específica estariam inscritas as predisposições à doença mental (ENGEL, 2007, p. 333).

Por fim, médicos, psiquiatra, psicólogos, ou seja, o mundo masculino lança-se nessas teorias para continuar “acorrentando” a mulher em seu mundo íntimo/espço privado. E quando algumas delas decidiam “quebras tais correntes” a sua natureza era posta como resposta a sua fragilidade, tanto física como mental.

Rosália representa como a “quebra” do feminino faz surgir a punição. Seu corpo foi violentado, sua infância modificada, seus sonhos quebrados. Quantas mulheres (meninas) já não passaram por tal situação? Porém, o que se espera é que as várias explicações destinadas aos comportamentos femininos não sejam propagados como resposta a sua natureza frágil, subordinada e oprimida, sendo a literatura fonte de verdade e libertação.

Conclusões

Percebemos que quando uma pessoa é tratada como louca ela logo é excluída do seu meio social, e quando suas ações a imprime como louca, no caso de Rosália e seu exílio em outro mundo criado, reafirmam que a pessoa não pode possuir voz e pensamentos diferentes do da sociedade.

Rosália vivia em dois mundos, um intocável e outro manchado. A menina por vezes ansiava por voltar ao seu mundo de criança, se comportava como tal e permanecia parada no tempo até mesmo quando ganhara corpo. O desejo de formar e viver nesse mundo intocável fez com que o espaço da mala representasse tanto o local para guardar seus objetos íntimos como sua vida toda, tornando-a sua única companheira; aquela que não perguntava nada, mas que sabia de seu segredo e não quebraria sua parceria revelando-o a ninguém. Porém, o que entra também em evidência é seu mundo manchado, esse em que Rosália resolve “apagar” seu opressor da sua história, ganhando para si um afastamento social que foi diagnosticado por loucura mansa.

Rosália representa inúmeras meninas-mulheres que passam por uma violência dentro ou fora do meio familiar, carregando um trauma que, em algumas vezes, pode se transformar em uma possível loucura, mas que aos olhos de outrem sobre a História da Mulher, pode ser associada a fatores que o próprio corpo feminino já pré-disponibiliza como: ser sensível, frágil, nervosa, etc., associado a sexualidade, maternidade e órgãos genitais.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 19, num. 37, septiembre, 1999. <Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/263/26303709.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi (coord. de textos). 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 322 – 361.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

LEITE, Maria Thereza. **Passagem Secreta para a Rua**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2007.

PERROT, Michelle. O corpo. In: **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Os silêncios do corpo da mulher. In: **O corpo feminino em debate**. (org.). Maria Izilda Santos de Matos e Rachel Soihet. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 13- 27.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michael & NEIS, Ignacio Antonio. **As armas do texto**: a literatura e a resistência da literatura. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 119 – 139.

SCHRAIBER, Lilia Blima; d'OLIVEIRA, Ana Flávia; HANADA, Heloisa; FIGUEIREDO, Wagner; COUTO, Márcia; KISS, Lígia; DURAND, Júlia; PINHO, Adriana. Violência vivida: a dor que não tem nome. **Interface** – Comunic, Saúde, Educ, Botucatu. São Paulo, v. 7, n. 12, p. 41 - 54, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/icse/v7n12/v7n12a03.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2014.